



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
PROGRAMA REDE UNEB 2000
CURSO INTENSIVO DE PEDAGOGIA

86

DE VOLTA ÀS RAÍZES

um resgate a *cultura* das plantas medicinais no Povoado de Campo
de São João, Várzea da Roça – Bahia.

Por

CARLINDA OLIVEIRA ALMEIDA
CLEIDENALVA LIMA DE OLIVEIRA
ELENILZA ALMEIDA SANTANA
MARIA CLEIDE LIMA DE OLIVEIRA

Várzea da Roça

2001

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVOS	8
3. METODOLOGIA.....	9
4. PLURALIDADE CULTURAL.....	15
4.1 O Cultural e o Científico, interação Escola e Comunidade.....	16
5. PLANTAS MEDICINAIS	24
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	32
6.1 Metodos de aplicação do conhecimento sobre Plantas Medicinais na escola e na comunidade.....	42
7. CONCLUSÃO.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

encontrada nos quintais das casas (horta), ou no campo em áreas próximas, tornando-o assim de fácil acesso.

O resgate do uso de plantas medicinais entre populações que vivem próximas a zona rural ou reside diretamente na zona rural é um instrumento bastante importante para a valorização do etnoconhecimento e de acordo com o Dr. Osmar C. Cavalcante.

“O homem sempre esteve profundamente relacionado com o reino vegetal. Desde a pré-história, supõe-se que já se fazia uso dos vegetais e raízes na alimentação. A história prova, também, que antes do advento da medicina como ciência, as plantas eram usadas sob as mais diversas formas, como meio de tratamento para muitos males”. (Cavalcante, s/d).

Observa-se no entanto que nos dias atuais, numa espécie de retorno ao passado, há uma tendência cada vez maior para se resgatar e valorizar a cura através das plantas medicinais, pois entre outros aspectos considerados importantes, estas, não oferecem os imensos desconfortos orgânicos de grande maioria dos remédios alopáticos.

Ultimamente, com o avanço das pesquisas, as plantas silvestres têm se tornado mais importantes, a ponto de muitos países já não deixarem sair espécies que são originárias de seu território. Há algum tempo ouvia-se falar bastante em Fork Knox, o local onde os Estados Unidos guardavam seu ouro. Atualmente, ouve-se falar mais

Fica evidente que quando se pensa em conhecer e preservar as plantas medicinais, é importante conservar e resgatar a cultura de grupos sociais que levaram milhares de anos para possuir o conhecimento que têm sobre o uso de tais plantas.

A crescente importância de se possuir uma vida saudável à base de produtos naturais fez surgir muitos trabalhos sobre a utilização de plantas medicinais e no que se observa o mundo está de olho no poder desta plantas. Porém parece-nos que não há ainda uma produção conhecida sobre esta temática neste povoado de Campo de São João. Desta forma, nos propusemos a estudar a cultura deste grupo social em relação as plantas medicinais. O interesse em pesquisar a utilização destas plantas surgiu da observação entre nós professores de que temos uma comunidade com uma cultura ativa em relação as plantas medicinais, com conhecimentos arraigados por várias gerações correndo o risco de ser esquecido por gerações presentes e futuras e ao resgatar este conhecimento popular enfocar para as classes de alunos da Escola Manoel Martiniano de Almeida, povoado de Campo de São João, o costume herdado dos índios e dos colonizadores portugueses, ainda forte na região, de utilizar plantas com fins medicinais.

Este valor social do conhecimento assistemático é importantíssimo pois na prática cotidiana constrói-se um conhecimento do mundo que nos cerca.

Esse conhecimento do senso comum sobre as plantas medicinais permite-nos interagir de uma forma bastante eficiente com nossa realidade natural, social e cultural e ao apropriar-se de tal conhecimento popular a escola será portanto o âmbito de entrelaçar conhecimento popular X conhecimento científico pois estes saberes de conhecimentos não são fragmentados, pois um complementa o outro.

2. OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo geral levantar as informações referentes a utilização das plantas medicinais no Povoado de Campo São João e introduzir esse conhecimento na prática educativa do ensino fundamental do povoado. Os objetivos específicos da pesquisa incluem:

- Catalogar as plantas medicinais e formas de utilização das mesmas no povoado Campo de São João;
- Selecionar as plantas mais utilizadas pela população e identificar os motivos dessa preferência;
- Propor estratégias didáticas com intuito de educar os alunos quanto a importância e forma de utilização das plantas;
- Fazer um levantamento das doenças mais curadas por essas plantas;
- Resgatar do conhecimento popular e comparação com o conhecimento científico.

3. METODOLOGIA

sabe-se que o objeto de estudo desta monografia traz consigo uma certa complexidade por se tratar do resgate a cultura popular como as pessoas apropriaram, transmitiram e transmitem etnoconhecimentos sobre plantas medicinais no decorrer de suas vidas incluindo também entre outros aspectos a indicação etnoterapêutica das plantas medicinais abordadas pelos entrevistados que são na sua maioria pessoas mais velha da comunidade de Campo de São João, Município de Várzea da Roça, Estado da Bahia.

Mediante esta pesquisa envolver etnoconhecimentos sobre plantas medicinais uma das abordagens abordadas foi a qualitativa, pois em tal abordagem de acordo com Chizzotti (1995, *apud* Zentgraf 2001: 47) os pesquisadores dão ênfase ao método clínico ou seja a descrição do ser humano em um determinado momento, em determinada cultura e também ao método histórico antropológico que compreende características exclusivas dos acontecimentos dentro do contexto em que tais conhecimentos se dão.

Esta abordagem também apresenta segundo Alves (1991, *apud* Santos, Santos, Santos 1998: 5) o processo de indução de uma pesquisa naturalística e principia do *"fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito"* (Chizzotti, 1998:79).

Uma técnica utilizada nesta abordagem foi a entrevista não diretiva, na qual as entrevistadas falaram sobre a sua experiência pessoal/cotidiana quanto seus

etnoconhecimento referentes ao uso, apropriação e orientação das plantas medicinais.

Ao compreender que o significado social de um objeto de estudo se deve ao fato, de dar-lhes sentido ao ato interativo no contexto sócio cultural em que os seres estão inseridos e que tal contexto é formado historicamente, onde os sujeitos sociais são capazes de atuar mediante o objeto, é necessário que se compreenda as ações destes atores a partir de momentos de diálogos, de interação em que o subjetivo, o sensitivo, o singular, o universal, sejam alguns pontos abertos a articular-se. E com base neste significado ora mencionado vale abordar também a Teoria Acionalista-etnometodologia, a qual de acordo com Coulon (1998, apud Santos, Santos, Santos, 1998:5):

“tem como projeto científico analisar os procedimentos que os indivíduos utilizam para realizar satisfatoriamente as diferentes operações que desempenham em sua vida cotidiana. Ou sejam, é análise dos modos comuns de fazer com que os atores sociais comuns mobilizam a fim de realizar suas ações mais comuns”.

Nesta teoria observa que interatividade, a intersubjetividade e a cotidianidade estão presente e são fontes históricas e contextualizadas significativas onde os atores sociais sujeitos desta pratica, a Etnometodologia proporciona grandes contribuições tais como: possibilita que haja compreensão do objeto que esta sendo investigado a partir de sua ordenação à realidade cultural/educacional, tendo como base a historia oral e o eixo temático cultura/escola. Outra vantagem que a Etnometodologia proporciona é averiguar quais as ações que professor/professora

enquanto atores sociais estabelecem para mudar a realidade, ou seja, o contexto curricular, levando em reverência os etnoconhecimentos sobre plantas medicinais que são passados de geração a geração através da história oral e do movimento do conhecer dos atores sociais comunidade/discentes/famílias todos direto ou indiretamente envolvidos na atuação pedagógica (Santos, Santos, Santos, 1998: 5-6).

Aborda-se ainda à Etnometodologia algumas análises de D'Ambrosio (teórico da Etnomatemática) em que expõe uma teoria de conhecimento onde o contexto de um ou mais aspectos sociais e culturais de um povo ou grupo social é a base propulsora para um currículo escolar que aborda, considera o aspecto cultural e pedagógico como os dois pontos básicos, onde o cultural está referindo-se à abordagem histórica e o pedagógico ao processo de aprendizagem. Este teórico faz uma crítica ao modelo fragmentado do currículo e destaca:

“Admitindo que a fonte primeira de conhecimentos é a realidade na qual estamos imersos, o conhecimento se manifesta de maneira total, holisticamente e não seguindo qualquer diferenciação disciplinar. A compartimentalização do conhecimento em “clubes” disciplinares se faz, naturalmente, obedecendo a critérios fixados a posteriori e naturalmente somente permitindo a “entrada” de certos conhecimentos, e portanto somente a abordagem de certos aspectos da realidade. Esse procedimento disciplinar leva a perder a visão global da realidade, e a história do conhecimento feita neste esquema internalista é naturalmente pouco elucidativa do que efetivamente representa a disciplina em questão na

evolução intelectual da humanidade". (D'Ambrosio, 1998: 8-9).

Mediante uma realidade socio-cultural que revela-se em constante movimento e de um currículo que exige um olhar mais abrangente para o interior dos estabelecimentos escolares é coerente, a partir de Morim (1984 *apud* Santos, Santos, Santos, 1998: 7) entre "o simples e o complexo" compreender que os fenômenos expressos no âmbito da sala de aula através das mais diversificadas manifestações, seja elas pelo olhar, pela expressão corporal ou verbal não devem restringir-se a um olhar simplista do educador/educadora (Santos, Santos, Santos, 1999:7) Nota-se que tal olhar de simplicidade não considera relevância da história oral como meio imprescindível da transmissão e propagação da memória cultural em que a prioridade está no *etno*.

Ao abordar este termo *etno* no trabalho de pesquisa é importante compreender que nesta perspectiva D'Ambrosio evidencia o que se refere a *etno* (1998: 18) "se refere a grupos culturais identificáveis, como por exemplo, sociedades nacionais – tribais, grupais, sindicais e profissionais, crianças de uma certa faixa etária etc. - inclui memória cultural, códigos, símbolos, mitos e até maneiras específicas de raciocinar e inferir".

Outra abordagem que se fez presente neste trabalho foi a quantitativa pois utilizou-se da observação e da entrevista estruturada com o objetivo de colher informações específicas sobre as plantas medicinais.

Estas entrevistas estruturadas funcionaram com o intuito de obter informações imprescindíveis a nossa pesquisa, possibilitando fazer um levantamento

de dados sobre questões referentes a: quantidade de plantas medicinais utilizadas pela comunidade entrevistada, forma de utilização destas plantas, fonte de obtenção da planta, partes utilizadas de cada planta, forma de preparação, entre outros. (vide ficha de acompanhamento das entrevistas estruturadas em anexo).

O levantamento bibliográfico nesta pesquisa se fez presente com o intuito de fazer conexão entre conhecimento popular X conhecimento científico acerca da temática pesquisada e/ou de levantar contribuições culturais e científicas já existentes.

De acordo com Galliano (1986, apud Zentegraff, 2001: 55) o levantamento bibliográfico é efetuado para tentar se resolver algo ou contrair novos conhecimentos tendo como fontes de informações livros ou documentos semelhantes, tais como: folhetos, artigos, etc.. que foram publicados. O objetivo primordial de tal levantamento é revelar, reunir e fazer análise das contribuições "chaves" de teóricos sobre um tema, assunto ou idéia estabelecido do qual se fez uso.

Ao definir as bibliografias coerentes com o estudo de nossa temática foi possível fazer uma leitura analítica, ou seja, um estudo aprofundado que permitiu compreender e apreender as idéias dos autores e fazer análises confrontando-as com a nossa pesquisa.

Foi efetuado também observações de preparação de chá, fusão, banho, xarope, comprimido, pasta, suco, lambedor.

O registro fotográfico ocorreu também como forma de comprovação dos variados tipos de plantas medicinais existentes na região que foram citadas pelos entrevistados (fotografias em anexo).

Para a identificação das famílias das plantas utilizou-se Panizza (1997), Peltó (1984), Rêgo (1995) e Corrêa, Batista & Quintas, (1998).

4. PLURALIDADE CULTURAL.

“Todos os povos têm cultura, porque trabalham, porque transformam o mundo e, ao transformá-lo, se transformam.”

Paulo Freire

Segundo o PCN de Pluralidade Cultural *“A cultura pode assumir um sentido de sobrevivência, estímulo e resistência”*. (Brasil, 1997: p. 44).

É importante ressaltar, que a cultura popular está em constante processo de reelaboração, introduzindo conhecimentos, atualizando valores.

Ao resgatar algumas plantas medicinais que estão presentes em Campo de São João, propicia as pessoas a compreender o seu próprio valor, onde exige uma cultura ética da comunidade escolar, valorizando suas origens culturais, sem qualquer discriminação.

“Aprender a posicionar-se de forma a compreender a realidade de opiniões, preferências, gostos, escolhas, é aprender o respeito ao outro. Ensinar suas próprias práticas, históricas, gestos, tradições, é fazer-se respeitar ao dar-se a conhecer”. (Brasil, 1997, p. 54).

Observa-se que no âmbito escolar é necessário criar um ambiente respeitoso, crítico, sobre as diversas culturas, onde permita trabalhar com as plantas medicinais na comunidade escolar reconhecendo seus valores, a contribuição que estas plantas irão propiciar sendo utilizadas de forma adequada. É preciso que pessoas saibam como atuar em relação a esses valores.

É importante “... reconhecer as qualidades da própria cultura, valorizando-as criticamente, enriquecendo a vivência de cidadania” (Brasil, 1997, p. 59).

4.1 O CULTURAL E O CIENTÍFICO, INTERAÇÃO ESCOLA E COMUNIDADE

“Quando alguém vive à beira mar, acaba por não se aperceber do murmúrio das ondas à sua volta. O hábito é uma espécie de sonho, acompanhado de obscuro desejo de nada mais ver, de nada mais ouvir, diminuindo as tensões da vida.

Diariamente chamado a responder as múltiplas necessidades de grande número de jovens, o educador já não interpreta corretamente comportamentos que variam com o estado de espírito e as horas do dia.”

Pierre Voirin

Observa-se que o processo educativo realizado no âmbito escolar que baseia-se numa concepção de interação têm sido conclamado a formar cidadãos críticos, ativos, capazes de exercerem sua cidadania, levando os educadores a

considerar em sua prática pedagógica os aspectos sócio-culturais no qual a sociedade está inserida.

Diante desta abordagem, nota-se que a Educação não se limita em trabalhar apenas com conteúdos estabelecidos pelo sistema nacional brasileiro de educação como se o ato educativo fosse feito apenas dentro dos estabelecimentos escolares formais, há portanto uma maior ampliação sobre Educação, ou seja que não ocorra apenas dentro da unidade escolar, transpondo assim os muros da escola para os espaços coletivos da sociedade, pois o homem é um ser histórico e portanto cultural. Desta forma propõe-se uma nova estruturação da educação, que é abranger também a educação não-formal.

Entende-se aqui como Educação formal aquela que se limita aos processos de ensino aprendizagem somente no interior das escolas; e Educação não formal aquela que envolve processos educativos que se dão também fora das escolas (Gohn, 1999:7).

Dentro desta perspectiva, pretendemos desenvolver uma Educação abrangente, que amplie o conceito de Educação para além dos muros escolares; que valorize e resgate alguma cultura que possui indícios de ser esquecida por gerações presentes e futuras, a exemplo a utilização de plantas medicinais.

É pertinente nesta perspectiva articular educação formal e educação não-formal, destacando assim um trabalho que vise tratar deste tema.

“A necessidade de se desenvolver uma nova cultura escolar que forneça aos alunos instrumentos para que saibam interpretar o mundo. Trata-se de um acervo de conhecimentos que não têm sido desenvolvidos nas

escolas, gerador de um saber interpretativo, tão importante quanto o saber científico (...)“ (Gohn, 1999: p. 14).

É imprescindível associar ao ensino formal desenvolvidos nas escolas abordagem também aos conhecimentos da educação não-formal relativos `a origem cultural dos alunos. Ao trabalhar com o conhecimento popular é necessário entender que resgatar raízes culturais e tradições, não significa viver cultuando a memória de algo considerado morto, mas sim mesclar novas práticas, para que raízes decorrentes da criatividade e da invenção, adquiridas através da imaginação e das ações nos grupos sociais sejam fincadas (Gohn, 1999: 15-16).

Sabe-se que a palavra cultura tem várias concepções e foi interpretada de formas variadas na história, possuindo assim posições divergentes nos diversos modelos que explicam a realidade social. No conhecimento popular, segundo Maria da Glória Gohn:

“O termo é associado a estudo – educação – escolaridade, ou ao mundo das artes, aos meios de comunicação de massa; ao mundo do folclore, lendas, crenças e tradições passadas ou, ainda, a períodos ou etapas da civilização humana”. (Gohn, 1999:22).

Ao analisar as concepções sobre cultura abordada por Santos (1994: 24-25), observa que estaria difundidas em dois tipos, a primeira referente aos aspectos de uma realidade social, a tudo aquilo que faz parte da existência de um povo, de uma

nação ou de grupos internos de uma dada sociedade; A segunda relaciona-se mais ao conhecimento, ao mundo das idéias e das crenças, as formas como estes conhecimentos existem na vida social.

A palavra cultura de acordo com a etimologia do termo, é originária do latim medieval, a partir do verbo latino colere que dizer cultivo e cuidado com plantas, animais e todas as coisas que fazia relação com a terra e a agricultura. (Gohn, 1999:23)

A antropologia é uma contribuição para se compreender o significado da palavra cultura e de acordo com E.B Tylor (1823/1917 *apud* Gohn 1999:25), considera que produziu uma concepção universal do termo cultura, fazendo destaque a coletividade e marcou a qualidade específica da antropologia "*O homem é, por essência, um ser produtor de cultura*".

Ao analisar esta visão antropológica considera-se bastante pertinente compreender o ser humano como produtor de cultura, pois nota-se que o homem ao realizar algumas atividades humanas, a exemplo, da utilização de plantas medicinais para fins terapêuticos no seu contexto social e que tais conhecimentos vão sendo transmitidos através de gerações, está assim produzindo cultura.

De acordo com Roger Bastide (1975 *apud* Gohn 1999:29), durante os anos 40 destacava o quanto é imprescindível o passado para que se possa compreender o presente e referia-se a cultura não como algo estagnado, mas sim como algo, vivo, que expressa uma certa filosofia.

Ao trabalhar com a cultura popular desta região está se abordando a memória coletiva dos seres humanos, mediante o que se refere a transmissão de tais

conhecimentos acerca do uso de plantas medicinais e estes saberes são fontes de estruturação e de orientação da cultura.

A cultura é compreendida como maneiras e processo de atuação dos seres humanos na história, onde a cultura se constrói. Ela se modifica, mas nota-se, que é influenciada constantemente por valores que se consolidam em tradições e são passadas de geração para geração (Gohn, 1999:98).

Uma outra concepção bastante relevante sobre cultura e que é interessante se ressaltar diz respeito ao que R. Benedict (*s/d apud* Gohn, 1999:69). coloca sobre este termo "*Cultura é como a lente através da qual o homem vê o mundo*".

E como afirma Paulo Freire (1980: 38) "*Não só por suas relações e por suas respostas o homem é criador de cultura, ele é também "fazedor" da história(...)*".

A educação não-formal adquiriu maior ênfase nos anos 90, pois houve a valorização dos processos de aprendizagens ocorridos na coletividade e deu-se maior importância aos valores culturalmente adquiridos nas ações dos seres humanos (Gohn, 1999).

A cultura é também entendida como aquisição sistemática do fazer humano que não deve ficar apenas armazenadas na memória dos indivíduos, mas sim incorporadas na vida plena do ser humano (Freire: 1980, p.38).

É importante dentro de um processo educativo escolar, incluir a educação gerada na coletividade humana, adquirida em ação grupais que não são voltadas para a aprendizagem de conteúdos de educação formal.

Segundo Gohn (1999: 103-104) "*um dos supostos básicos da educação não formal é o de que a aprendizagem se dá por meio da prática social*". É a prática dos

indivíduos em atividades grupais que principia um aprendizado. As ações de interação entre os seres humanos são imprescindíveis para a aquisição de novos conhecimentos, e essas ações surgem na comunicação verbal entre os homens que são cheias de tradições culturalmente significativa.

Nota-se que o conhecimento sobre a utilização de plantas medicinais entre jovens é bastante inferior com relação aos idosos, isto ocorre na proporção em que a educação ministrada no âmbito escolar que aborda somente conteúdo específico do currículo (educação formal) retira destas pessoas a convivência com os mais idosos durante boa parte do tempo e implanta apenas no seu ato educativo conhecimentos dissociados da realidade cultural de cada indivíduo proporcionando assim a desvalorização do saber popular.

O senso comum é o conhecimento de uma coletividade humana que não possui especialidade científica, mas que tem um saber significativo na sobrevivência de uma comunidade e são surgidos como resultados de várias experiências vividas, que vêm ajudando o homem a resolver problemas no percurso de sua existência, tornando assim, um conhecimento ametódico e assistemático. Tais experiências são assimiladas geração após geração e são paulatinamente transformadas. (Aranha & Martins, 1993. p.128).

O pensamento de Boch, Furtado e Teixeira (1999), deixa evidente o que foi abordado por Aranha e Martins (1993) ao afirmar que quando um membro de uma família reclama por está sentindo dores no fígado, por exemplo, a mãe mesmo sem nenhum conhecimento científico sobre plantas medicinais, automaticamente lhe dá um chá de boldo, planta já usada pelos nossos antepassados.

É preciso ressaltar também que esse conhecimento do senso comum vem se acumulando no decurso de várias gerações, através de hábitos e tradições tornando uma necessidade do ser humano enquanto grupo social.

Esse conhecimento baseado na vivência do dia-a-dia de um determinado grupo social, é denominado conhecimento empírico, pois não exige uma elaboração precisa, as pessoas vão incorporando novas informações aos conhecimentos populares pré-existentes à medida em que vão surgindo novas necessidades. Sendo assim, o conhecimento do senso comum também é subjetivo pois não depende de um estudo científico para existir (Aranha & Martins 1993, p.p. 127 – 128).

O conhecimento científico é uma conquista da humanidade que surgiu no século XVII com a revolução galileana, o que não significa que anterior a essa data não existisse um saber rigoroso, já que desde o século VI A. C: na Grécia Antiga havia um em descobrir um conhecimento que fosse diferente do mito e do saber comum (Aranha & Martins 1993, p. 129). O termo “mito” ora destacado não irá fazer parte da discussão da presente monografia.

“Quando fazemos ciência baseamos na realidade cotidiana e pensamos sobre ela. Afastamo-nos dela para refletir e conhecer além de suas aparências. O cotidiano e o conhecimento científico que temos da realidade aproximam-se e se afastam: aproximam-se porque a ciência se refere ao real; afastam-se porque a ciência abstrai a realidade para compreendê-la melhor, ou seja a ciência afasta-se da realidade, transformando-a em objeto de investigação - o que permite a construção do

conhecimento científico sobre o real” (Boch, Furtado e Texeira, 1999, p.16).

Nesse sentido, percebe-se que todo conhecimento científico tem como ponto de partida um objeto do cotidiano. Esse objeto tem sobre ele um conhecimento popular que lhe foi atribuído gradativamente pelo povo em decorrência da prática vivida, o qual pode ser comprovado cientificamente, quando analisado, investigado e estudado separado da realidade. E como afirma Alves (1988), *“a ciência nada mais é que o senso comum refinado e disciplinado”*.

A questão abordada anteriormente vem reforçar o que diz o artigo de (Zaché, 2001) quando fala que o chá pode ser muito eficiente e que já está comprovado cientificamente pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Portanto é preciso ressaltar que a ciência é uma atividade altamente reflexiva, pois busca a compreensão do cotidiano, partindo do seu estudo sistemático.

Ela utiliza métodos rígidos para atingir um conhecimento exato e objetivo, o que permite ser investigado por outro membro da comunidade científica. Sendo assim, todo conhecimento científico é passível de novas investigações e conseqüentemente a novas conclusões a respeito do objeto de estudo (Aranha e Martins, 1993, p.p. 129-130).

5. PLANTAS MEDICINAIS

A utilização de plantas medicinais para fins de cura é uma espécie de tratamento bastante antiga e está fundamentada no acúmulo de informações adquiridas através de gerações a gerações.

É pertinente nesta monografia fazer uma discussão acerca dos povos, que há muitos anos ou até mesmo em épocas remotas conheciam e faziam uso das plantas medicinais. A exemplo de povos do Oriente, do Oriente Médio, da Grécia, da Idade Média, na época do Renascimento, na Idade industrial e Moderna e na América.

No Oriente o país que possui a mais profunda e ininterrupta tradição sobre as ervas medicinais é a China. Informações adquiridas através do texto História das Ervas aborda que:

“quando morreu em 2698 A.C., o lendário imperador Shen Nung já provara 100 ervas; menciona em seu “Cânone das Ervas” 252 plantas, muitas ainda em uso (...) no século VII, o governo da dinastia Tang imprimiu e distribuiu pela China uma revisão do Cânone de Ervas. Em 1578, Li SHIZHEN completou seu “compendio de Matéria Medica”, onde listou 1800 substancias medicinais e 11.000 receitas de compostos”. (Bonhausen, 1998).

No Oriente Médio segundo Bonhausen (1998):

“o primeiro medico egípcio conhecido foi Imhotep (2980 a 2900 A C). (...) grande curandeiro, foi deificado, e utilizava ervas medicinais em seus preparados mágicos. Os Papiros de Ebers do Egito foram um dos herbários mais antigos que se têm conhecimento, datando de 1500 A C., e ainda está em exibição no Museu de Leipzig (são 125 plantas e 811 receitas). (...) Na mesma época, médicos indianos desenvolviam avançadas técnicas cirúrgicas e de diagnósticos, e usavam centenas de ervas nos seus tratamentos. Segundo os hindus “as ervas eram as filhas prediletas dos deuses”.

Na Grécia durante o séc. XII A. C., Asclépio um homem referenciado como curandeiro, mas profundo conhecedor das ervas possuía um sistema de cura através das plantas.

Vários templos de cura a partir de utilização de ervas foram surgindo praticamente em toda a Grécia e Asclépio foi glorificado. *“Seiscentos anos depois, Tales de Mileto e Pitágoras compilaram essas receitas. Os gregos adquiriram seus conhecimentos de ervas na Índia, Babilônia, Egito e até na China”.* (Bonhausen 1998).

Durante a Idade Média a medicina através da utilização de plantas limitou-se, segundo (2001) *“aos monges nos mosteiros e a algumas mulheres de aldeias remotas”.*

No renascimento “o século XV traz a era dourada para as ervas” (Bonhausen 1998). Isto ocorre graças os resultados positivos obtidos à partir de remédios fabricados com plantas medicinais.

Na época da Idade Industrial e Moderna “a ciência levou ao desenvolvimento do assunto ervas, sintetizando partes das plantas e concentrando dosagens” (Bonhausen 1998). Pode-se constatar durante este período que o menor uso das ervas aconteceu no começo do século XX, mas de acordo com os efeitos surgidos pelas drogas não naturais, a ecologia tem incentivado um retorno ao natural e isto tem demonstrado um interesse surpreendente de se utilizar ervas para fins medicinais.

Nas Américas o primeiro herbário de que se tem conhecimento é o Manuscrito Badanius, o herbário asteca, do séc. XVI, em nahuatl e segundo dados revelados por Bonhausen (1998), no Brasil, no ano de 1995, o uso de remédios alopáticos caiu de forma estrondosa. Para compreender o porque deste acontecimento a SOS FARMA realizou uma pesquisa com 400 famílias e verificou que “91,9% se automedicavam com ervas e 46,6% cultivavam nos quintais”.

Uma publicação feita pela Manchete Rural (1995; 65) revela a marcante presença das plantas medicinais no tratamento de doenças humanas, pratica originada desde a presença do homem expandido-se até o fim do século passado. Mas que nos anos que foi de 1880 a 1900, período em que foi desenvolvido o primeiro medicamento sintético, (a antipirina) a prática do uso dessas plantas sofreu mudanças, já não se dava tanta ênfase como antes. Ainda segundo essa mesma entrevista, grande parte das plantas medicinais é coletada em florestas nativas, que tendem a desaparecer. Assim, muitas espécies estão se tornando cada vez mais raras.

A partir daí vários medicamentos foram desenvolvidos mas, mantinham um custo muito alto para uma população mundial, onde 80% apresentava um poder aquisitivo baixíssimo. Isto fez com que essas pessoas, não podendo comprar os remédios, priorizassem o uso de plantas para fins curativos, fazendo assim com que o tratamento da saúde voltasse a ser por meio de plantas medicinais. Esse retorno também contou com a Organização Mundial de Saúde que preocupava com a população de baixa renda e tendo consciência do alto preço dos remédios fez uma publicação incentivando o uso da Medicina Tradicional.

De acordo com os estudos feitos percebe-se que no início do século XX houve uma acentuada diminuição no uso de plantas medicinais, tendo uma marcante ascensão vários anos mais tarde, devido a contribuição de dois fatores: o alto custo impresso nos remédios alopatas e os grandes efeitos colaterais que eles proporcionam. Sendo assim, percebe-se também que a três décadas as plantas não tinham um respaldo e, atualmente há um retorno a esse respaldo.

Toda esta abordagem sobre a utilização de plantas medicinais por diferentes povos vem neste presente trabalho reforçar o quanto é longínquo o tratamento com base na medicina popular e que o aspecto cultural é um dos fatores bastante enraizado em tal contexto.

Ao analisar informações obtidas sobre a utilização de plantas medicinais por diferentes povos, mas que possui semelhanças intrínsecas entre ambos foi possível constatar que o estudo e o uso de plantas que possui valor medicinal foi e é algo vivo presente na vida de vários seres humanos e que ultimamente é possível notar que o mundo inteiro está de olho no poder destas plantas, a exemplo disto vale discutir aqui o que recentemente a televisão na rede Globo abordou no Globo repórter do dia 24.08.2001, chamando a atenção de milhares de pessoas:

A discussão desta reportagem envolve questões relativas às plantas medicinais: o seu poder curativo, a falta de pesquisa brasileira e o não patenteamento brasileiro daquelas pesquisas que são realizadas nesta área, a importância de plantas nativas do Brasil mas que países estrangeiros são os patenteadores, entre outros aspectos relativos a temática.

De acordo com informações obtidas através desta reportagem as poderosas ervas brasileiras estão salvando vidas, sendo que 23% de todas as espécies conhecidas mundialmente encontram-se aqui no Brasil, mas o que foi constatado e considera-se preocupante para muitos brasileiros é que muitas plantas originárias deste país são pesquisadas e patenteadas por estrangeiros, a exemplo dos japoneses.

Para que haja melhor compreensão acerca de como existe a falta de patenteamento brasileiro sobre plantas medicinais é imprescindível fazer referência a Espinheira - Santa um tipo de planta nativa do Brasil e que começou a ser pesquisada aqui no período dos anos 80, mas no entanto o que se tem conhecimento é que as duas patentes que ocorreram primeiro sobre a planta aproveitando – a como analgésico e contra problemas de úlcera aconteceu no Japão.

Segundo Ricardo Taback, biólogo da EPM, aborda que esta planta anteriormente citada foi pesquisada por ele juntamente com outras pessoas e acrescenta que obtiveram resultados extremamente positivos no período, chegando até a fazerem publicações de trabalhos com resultados considerados bons, mas o que ocorreu é que não existiu nenhum tipo de encaminhamento para que fosse patenteado os resultados adquiridos. Hoje os brasileiros estão tentando amenizar o prejuízo e testam comprimidos feitos da Espinheira –Santa aqui no Brasil.

O que se pretende nesta discussão ora apresentada não é referir-se apenas a falta de patenteamento sobre pesquisas com plantas medicinais brasileiras, mas também levar as pessoas a perceberem que a utilização da medicina popular através de plantas medicinais como já foi citado em outros momentos deste trabalho possui algo inerente de cada grupo ou ser e que envolve todo um processo cultural de crenças, valores empíricos e quando se refere a grupos estrangeiros é interessante refletir qual o real valor que o ato de patentear pesquisas possui para estas pessoas pois com base em informações obtidas através do Globo repórter mencionado nesta pesquisa, um empresário americano foi vitorioso ao ganhar a disputa contra organização indígenas para patentear os poderes medicinais que possui um determinado cipó amazônico. Para estes povos indígenas através da sabedoria popular, este cipó significa força, a folha significa luz e o chá é indicado para febre e dores no intestino. Se este empresário americano que patenteou a pesquisa conseguiu extrair desta planta o remédio ele ficará assim, com os lucros da sabedoria popular. E de acordo com a reportagem ora mencionada o chá é uma cultura que existe há muitos anos, cultura considerada tradicional dos seres da Amazônia, portanto alguém patentear algo, levado muitas das vezes por questões apenas lucrativas financeiramente é impedir o povo de sua própria cultura.

Outra planta que foi ressaltada nesta reportagem refere-se a Graviola. Esta planta segundo pesquisadores possui fruto adocicado e é comum no norte e nordeste brasileiro, nas suas folhas existem substâncias medicinais denominadas acetogeninas. Pesquisadores dos Estados Unidos e inclusive de outros países detectaram que esta planta destrói alguns tipos de câncer.

Observações feitas dentro de um tubo de ensaio, por pesquisadores constatou que esta planta destrói células cancerígenas dez mil vezes com maior rapidez em relação aos melhores remédios utilizados em hospitais. É importante

abordar aqui que os laboratórios farmacêuticos ainda não sintetizaram esta planta para que haja patenteamento do remédio, portanto a mesma é utilizada somente de maneira natural.

Algumas tribos da Amazônia fazem uso desta planta também para combater vermes e parasitas. Algo considerado bastante relevante para nós aqui neste contexto de discussão sobre esta planta e que nos chamou a atenção ao assistir tal reportagem é que de acordo com a visualização que tivemos da planta na tela da televisão e com informações obtidas por alguns membros da nossa família a Graviola já existiu em nossa região e era conhecida como "jaca menina ou jaca de pobre", só que atualmente se desconhece a existência de tal planta. Acredita-se que a razão para a extinção desta espécie de planta deve-se a falta de conhecimento sobre a importância da mesma e de um trabalho de conservação.

Atualmente a empresa RAINTREE, localizada no Texas é a maior distribuidora de graviola e diversas plantas medicinais retiradas da Amazônia. Esta empresa importa para o mundo mensalmente média de 400 toneladas de várias plantas que são adquiridas no Brasil, Peru e Equador.

Mediante informações mencionadas nesta discussão nota-se claramente que o Brasil possui riquíssimas plantas medicinais, mas no entanto como foi colocado abordado aqui neste trabalho, observa-se que para o Brasil fazer uso de algumas plantas é preciso comprar de mãos estrangeiras. É possível detectar que isto ocorra provavelmente devido a falta de conhecimento, de pesquisas, de resgate e valorização daquilo que temos em nosso meio cultural.

Retomando a discussão sobre a graviola faz-se importante comentar que esta planta foi estudada por vários pesquisadores, os quais, chegaram a conclusão de que realmente ela é eficaz na cura do câncer e foi desenvolvida então uma fórmula

denominada N-TENSE com graviola e juntamente com mais sete tipos de plantas medicinais brasileiras. Sabe-se no entanto que esta fórmula mencionada anteriormente é utilizada por mais de 400 médicos nos Estados Unidos, mas eles não podem falar porque perante a lei o câncer só deve ser "tratado" com medicamentos dos grandes laboratórios. Acrescenta-se ainda que se algum médico comentar que trata esta doença com plantas medicinais corre o risco de perder a licença para atuar como médico.

O que observa é que até os dias atuais não se tem conseguido um grande avanço no tratamento do câncer com a utilização dos chamados remédios de grandes laboratórios (alopáticos) e o que se vê ainda é que há uma discriminação com relação a utilização de uma medicina alternativa à base de plantas medicinais e que no entanto mostrar indícios de ser eficaz. Diante de tudo isso o que se pretende ressaltar aqui é que o que realmente interessa de acordo com o nosso ponto de vista é a melhoria da saúde dos seres humanos com relação a problemas apresentados e se existem possibilidades que esta cura ocorra com a utilização de plantas medicinais que possuem substâncias curativas, não há porque existir resistência.

Foi observável também na reportagem que na Alemanha um médico já conseguiu tratar em media 3.000 pacientes com câncer fazendo uso de plantas medicinais entre elas, destaca-se a graviola e uma planta carnívora, ambas agem destruindo os tumores malignos, não atacando as células saudáveis. Segundo este médico a graviola é considerada dez mil vezes mais eficiente que o tratamento quimioterápico.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas realizadas totalizaram a catalogação de 73 plantas medicinais que são utilizadas pelos entrevistados. As citadas com maior frequência foram: erva cidreira, laranja, algodão, hortelã graúdo, hortelã miúdo, eucalipto, pejo, alecrim do campo, barbatimão, alecrim de quintal, boldo, capim santo, erva-doce, mastruz e tioiô (fotografias em anexo).

Quanto as indicações terapêuticas pela qual a população mais utiliza plantas medicinais, destacam-se como as mais frequentes para gripe, inflamação em geral (rins, ovário, útero e garganta), febre, calmante, verme e pressão alta.

A forma de aquisição do conhecimento popular acerca da utilização das plantas medicinais é prioritariamente através dos mais velhos e pais que possibilita a disseminação deste conhecimento de geração a geração. Mas também vale ressaltar que alguns informantes disseram que a aquisição do conhecimento se dá também através de cursos e livros.

Quando questionados com quem aprendeu a utilizar as plantas medicinais para fins terapêuticos, as respostas foram:

- Com os mais velhos e pais 83,3%
- Através de cursos e livros 16,7%

As plantas geralmente são adquiridas nas proximidades (42,46%) sendo portanto nativas e ou cultivadas nos quintais das próprias casas (57,54%)

Foi constatado também que a forma de utilização mais freqüente é o chá seguido do banho, do xarope e do suco. Entre as partes das plantas mais utilizadas para fins terapêuticos temos as folhas (58,9%), seguido das raízes (16,4%) e a entrecasca (12,3%), representando 87,6% das utilizações indicadas.

Percebe-se que a maior utilização das folhas se dá provavelmente por serem mais acessíveis para se fazer a coleta, já que esta parte da planta pode ser encontrada durante a maior parte do tempo.

De acordo com alguns entrevistados existem doenças que são curadas com o envolvimento de mais de uma planta para se fazer o chá ou xarope. Pode-se destacar que no caso da gripe e da tosse as pessoas comumente utilizam diversas plantas para obter o poder curativo. Isto ocorre porque segundo os entrevistados a gripe, provoca vários outros sintomas, tais como: febre, dor de cabeça, dores no corpo, irritação na garganta, o que vem a requerer o uso de várias plantas a fim de combater os diversos sintomas existentes.

Vale ressaltar que a associação de grande número de ervas em um mesmo preparado aumenta os riscos de intoxicação, portanto deve ser evitado (Suzart, 2000).

É importante abordar que algumas pessoas consultadas fazem o xarope utilizando não apenas partes de algumas plantas encontradas na região e sim, adicionando para a confecção deste, o mel por conter também propriedades naturais e ser tradicionalmente usado nos tratamentos de resfriados, gripes e bronquites; usa-se o alho, bastante conhecido por seu amplo uso terapêutico e facilmente encontrado no mercado.

O cultivo de plantas medicinais realizados pelos entrevistados constitui-se em uma atividade imprescindível no tratamento de doenças nesta comunidade. Todas as pessoas entrevistadas reconhecem e mantêm várias plantas medicinais em seus quintais. No entanto, a necessidade de uma planta que não existe em um quintal pode ser suprida por outro morador da comunidade que a cultiva em seu quintal, o que revela, a troca de informações entre os moradores, ampliando o conhecimento de plantas utilizadas medicinalmente.

Algumas espécies tidas como nativas já são tratadas e mantidas nos quintais por apresentarem propriedades medicinais, é o caso do mastruz, tanchagem e quebra – pedra que foi encontrado nos quintais dos moradores. Muitas outras plantas nativas utilizadas para fins terapêuticos, geralmente estão distante das habitações por seu grande porte e não podem ser trazidas para cultivos nos quintais como acontece com a umburana, angico, mulungu etc., mas que as partes destas plantas como o caroço (semente), casca e/ou entrecasca utilizadas no consumo são trazidas do campo.

Pode-se observar o forte papel da mulher na prática da utilização de plantas medicinais e como principal agente mantenedora do conhecimento que é repassado entre as gerações. E de acordo com Di Stasi (1996):

“em várias sociedades, com relação às plantas medicinais, há diferentes domínios cognitivos a serem ocupados por um sexo ou por outro. Assim, por exemplo, o conhecimento sobre remédios destinados a tratar problemas específicos do sexo feminino, ou de criança, tenderá a ser mais profundo entre as mulheres do grupo. A familiaridade com determinados ambientes também

poderá trazer diferenças no conteúdo de conhecimento entre homens e mulheres; estas podem vir a conhecer melhor os recursos vegetais distribuídos próximos da base familiar, enquanto os homens que por suas próprias ocupações tendem a distanciar-se mais da casa irão se familiarizar com outros tipos de vegetação”.

A medicina popular assim como qualquer fenômeno social e cultural sofre a influência não – direta dos meios intelectuais de comunicação. A influência sofrida é explicada pelas transformações que vão acontecendo com o passar do tempo aos conceitos dados aos usos e costumes de cada povo. Dessa forma se dá o fenômeno da aculturação.

Entretanto, nota-se que os processos de defesa contra vários tipos de doenças na área da medicina popular desta localidade, não se dá somente através de comportamentos herdados, mas também através de aprendizagens adquiridas através de livros e cursos e que de certa forma sofre algumas modificações no âmbito dos grupos sociais.

“O homem, sentindo, pensando, agindo e reagindo diante dos problemas que o cercam, assume os comportamentos mais diversos. Através da variação destes comportamentos, poderemos analisar as razões e os porquês dos mesmos. Envolto por problemas de saúde, o homem adota ,medidas preventivas e terapêuticas condizentes com seu padrão social, cultural e econômico”. (Camargo, 1998: p. 186).

De acordo com esta citação, pode-se perceber mediante as entrevistas realizadas, que o uso da medicina popular para a comunidade entrevistada esta de certa forma relacionada a fatores sociais, culturais e econômicos o que condiz com o pensamento ora apresentado.

O ser humano tem uma capacidade enorme de adquirir informações e as informações não-sistematizadas, as do senso comum, são aprendidas mesmo que inconscientemente, quando ouvimos alguém falar sobre algum assunto ou quando temos a respeito de um determinado tema ou até mesmo através de outro meio de comunicação quando torna popular um determinado acontecimento (Carvalho, 1989).

Numa comunidade, principalmente as pequenas, as informações são facilmente transmitidas pelos moradores, eles têm um meio muito peculiar de disseminar o conhecimento popular e, no que se refere ao uso da plantas a transmissão acontece através de conversas (bate papo) sem intencionalidade ou quando um membro da comunidade (quase sempre mulher) solicita ajuda aos vizinhos e amigos no momento em que está sentindo algum problema de saúde e estes indicam-lhe chá, xarope ou outra forma de utilidade da planta de acordo com a necessidade do problema.

Esta forma de transmitir o conhecimento sobre as plantas e seu uso terapêutico foi observado na comunidade pesquisada, a qual apresentou um grau elevado no entendimento da sua importância e as mais variadas formas de utilização na terapia de doenças e sintomas.

Foi possível observar que uma grande maioria dos moradores consultados (73,3%) preferem utilizar plantas medicinais para tratar seus problemas de saúde ao fazer uso de remédios alopatas. Isto torna evidente pela experiência pessoal

acumulada em torno do grande valor terapêutico da planta e pelo grande número delas cultivada em quintais. É importante ressaltar que o restante dos entrevistados também utiliza plantas medicinais para resolver problemas básicos de saúde porém, possuem problemas mais sérios e ainda não conhecem uma planta adequada para o tratamento, (o que não quer dizer que não exista).

A utilização de plantas medicinais tem sido uma necessidade dos moradores que, segundo eles foi surgindo basicamente a partir de três (03) fatores principais: a substituição dos remédios alopatas pelas plantas medicinais, as quais tinham (e ainda tem) o mesmo valor de cura (40%), por ser um produto natural (30%); e pelo menor custo financeiro (26,6%).

O uso de plantas medicinais está sempre presente no dia-a-dia da população, e no que se refere a preservação das espécies, 100% dos entrevistados consideram imprescindível.

Segundo os entrevistados as plantas medicinais que podem ser cultivadas em quintais, atualmente são mais fáceis de serem encontradas devida a grande utilização das mesmas, enquanto que algumas consideradas nativas estão praticamente em extinção.

Ao se fazer a pesquisa de campo sobre as plantas medicinais, encontrou-se uma referencia histórica de um povo, que ao abordar a utilização destas plantas estão de certa forma expondo seu conhecimento popular.

Observa-se que a historia de vida da humanidade está presente em nosso meio cultural, pois ao trabalhar com o regate das plantas medicinais, estamos produzindo assim um referencial prático que irá ser envolvido na operação pedagógica quanto à construção do conhecimento e do raciocínio histórico.

Nota-se que ao trabalhar com fatos históricos em sala de aula dando ênfase as plantas medicinais catalogadas a partir da pesquisa realizada em Campo de São João, ocorre uma interação entre conhecimento popular e conhecimento científico; possibilitando envolver na prática pedagógica conhecimentos que se completam.

Como diz Paulo Freire (1996, p. 52) “... ensinar não é transmitir conhecimentos mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Assim, ao abordar este trabalho na escola de ensino fundamental propõe-se valorizar as plantas medicinais como aspecto cultural de nossa região.

Através do senso comum, onde as pessoas trazem consigo a cultura de um povo suas crenças e costumes, ocorre um comportamento social preexistente que deverá ser valorizado pela cidadania.

É a partir da realidade, do meio cultural que o homem amplia seus conhecimentos. No decorrer de um processo contínuo, de estudos, análises e observações permitem que as pessoas reelaborem suas idéias, construindo caminhos que os levem a interagir de forma contextualizada.

Ao desenvolver este trabalho que prioriza a cultura popular de um determinado lugar, povo ou região está se fazendo reverência ao folclore, mas ao trabalho este conceito é importante que se tenha explícito que realmente entende-se como fato folclórico, pois tal palavra possui vários significados, precisando assim contextualizá-la de acordo com o que se pretende trabalhar.

Como afirma Fernandes:

“o fato folclórico objeto de estudo do folclore, foi considerado pela Primeira comissão técnica do congresso internacional do Folclore, como toda maneira de sentir pensar e agir, que constitui uma expressão peculiar de vida de qualquer coletividade humana, integrada numa sociedade (...)” (Fernandes, 1978 *apud* Di Stasi 1996).

O folclore é produto de costumes, crenças de um determinado povo, onde a aprendizagem ocorre entre a cultura e os conhecimentos de forma coletiva.

A partir de uma reflexão sobre os costumes, onde as pessoas transmitem conhecimentos ricos de sabedoria e que estão sendo esquecidos pela sociedade, é importante ressaltar que ao trabalhar com o resgate da cultura popular entre as pessoas de Campo de São João sobre o conhecimento e utilização das plantas medicinais existentes na região, está de certa forma priorizando os costumes que a população desta localidade possui e que poderão estar esquecidos, arquivado apenas na memória das pessoas idosas desta comunidade.

Observa-se que o folclore está de certa forma presente nos costumes, nas crenças, nas tradições e na sabedoria popular da maioria das pessoas que habitam nesta comunidade.

As comemorações folclóricas na escola Manoel Martiniano de Almeida estão sempre presente durante a semana do folclore no final do mês de agosto, mais precisamente o dia 22 de agosto, por ser uma data definida como o dia do folclore.

Essas comemorações representam variadas manifestações culturais como as reverências as cantigas de roda, entre outros aspectos. O que se observa que ao trabalhar com cantigas de roda, a exemplo desta mencionada a seguir:

Alecrim

Alecrim, alecrim dourado

Que nasceu no campo

Sem ser semeado

Ó meu amor (ó meu amor)

Quem te disse assim (quem te disse assim)

Que a flor do campo é o alecrim?

Alecrim, alecrim cheiroso

Que se esvoaçou

Mais além brotou

Alecrim, alecrim, aos molhos

Por causa de ti

Choram os meus olhos.

Nota-se que reduz a apenas a algo tradicionalmente abordado descontextualizada da sua verdadeira essência, sem nenhuma análise ao que esta cantiga de roda em suas palavras, nas entrelinhas representam qual o seu significado. Esta cantiga de roda bastante utilizada nas comemorações do folclore na escola mostra que em suas palavras existem muito mais do que se tem trabalhado, é possível identificar uma planta medicinal nativa da região que é utilizada por esta comunidade e que no entanto a escola vê apenas como um fator puramente cultural e portanto trabalhado de maneira fragmentada e que no entanto deve ser resgatada e valorizada entendendo-o também que se o folclore é compreendido como manifestações culturais de grupos não há porque comemora-lo em uma data definida, mais sim trabalhado dentro do currículo como algo vivo, presente em qualquer que seja a geração e em qualquer época do ano.

6.1 METODOS DE APLICAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE PLANTAS MEDICINAIS NA ESCOLA E NA COMUNIDADE

Quando se propõe introduzir na escola Manoel Martiniano de Almeida um conhecimento popular da comunidade local está ao mesmo tempo resgatando origens culturais dos próprios descendentes, pois ao se tratar de uma população com 464 habitantes na sua maioria todos possuem vínculo de parentesco.

Ao tratar a questão do resgate a medicina popular através do conhecimento de algumas famílias da localidade de Campo de São João está se referindo a um aspecto cultural.

Mediante a relevância deste trabalho em se resgatar a cultura popular da Comunidade de Campo de São João é importante entender que a Educação desta localidade irá destacar não somente aspectos referentes a área do ensino formal, mas também aspectos não-formais ou seja do aprendizado originado das experiências do dia-a-dia, e no que se tem observado muitos professores não dão importância aos aspectos culturais, principalmente no que se refere a utilização de plantas medicinais por várias famílias e que esta cultura envolve todo o meio onde a criança está inserida. Observa-se portanto que há uma crise na atual cultura escolar e o que se propõe aqui é também articular educação – formal e educação não formal que possibilite a valorização de uma nova cultura a partir de sujeitos de pouca escolaridade, mas que no entanto são portadores de cultura e que possuem conhecimentos (saberes) sobre a utilização de plantas medicinais e que tais conhecimentos necessitam ser resgatados e valorizados.

Ao se organizarem coletivamente e utilizar plantas medicinais para superar problemas de saúde existente numa dada comunidade, como a de Campo de São João, está se exercendo praticas de educação não-formal e praticando assim cidadania e que portanto é interessante interagir na educação formal.

Fica evidente o quanto é importante resgatar o uso destas plantas medicinais, selecionando adequadamente algumas delas.

Segundo Kaufman & Serafim (1998: p. 153) “... a realização da horta dentro do prédio escolar – e, portanto, no meio urbano – oferece diversas possibilidades para abordar o processo de ensino – aprendizagem das ciências naturais”.

No entanto, a horta no âmbito escolar, oferece diversas possibilidades de expor o uso das plantas medicinais como eixo organizador e consumidor pela comunidade escolar.

A horta é um local onde os alunos poderão trabalhar de maneira espontânea, em relação à direção do professor, e os docentes se encontram diante de um novo desafio: compartilhar a jornada de trabalho com a comunidade escolar.

É importante ressaltar que é preciso analisar e preparar o solo para o plantio das plantas medicinais.

“Ao trabalhar na horta pode-se observar a textura e a cor do solo, a profundidade que as raízes atingem, as formas e texturas das folhas...” (Kaufman & Serafim, 1998, p. 154).

A escola de ensino fundamental é o âmbito onde começam a ser assentadas as bases do conhecimento de forma sistemática. Portanto, é possível colocar a utilização das plantas medicinais como meio alternativo no combate e cura de

algumas doenças. Espera-se dos alunos um certo nível de conceituação sobre a temática que está sendo abordada, um suporte para o aprofundamento e a construção de novos conceitos e conhecimentos em etapas posteriores.

Observa-se que ao resgatar as plantas medicinais na comunidade escolar o docente precisa conhecer bem as plantas medicinais tanto no seu valor assistemático como no seu conhecimento científico.

A partir desta perspectiva, o estudo das plantas medicinais com um enfoque de conhecê-las, utilizá-las e preservá-las levaria a que, ao finalizar o ensino fundamental, os alunos possam ter conseguido adquirir uma série de informações referentes as plantas medicinais, com um certo nível de complexidade e com um olhar científico.

Uma das propostas em trabalhar com plantas medicinais na Comunidade escolar é a implantação de um horto didático de Plantas Medicinais, visando apoiar de maneira interdisciplinar, docentes e discentes do Ensino Fundamental no desenvolvimento de atividades relacionadas a utilização de plantas medicinais, despertando assim, o interesse em manter viva a medicina popular presente neste local e que traz consigo tradições arraigadas.

Ao introduzir este Horto na escola é importante que seja composto de espécies de plantas que foram catalogadas a partir das entrevistas realizadas com famílias desta localidade fazendo-se abordagens sobre o conhecimento popular. (O que diz, o que pensa os entrevistados) e fazer leitura estudos com relação a estas plantas na literatura científica para que os alunos percebam o que se assemelha ao dito popular e o que estes pesquisadores de plantas medicinais tem a acrescentar.

É importante também que este trabalho desenvolvido na escola que tem como ponto de partida o conhecimento popular da comunidade retorne a própria comunidade para que se sinta valorizada e perceba a sua importância enquanto cidadãos ativos produtores de saber.

A participação oral a partir das entrevistas, foi fundamental na realização deste trabalho, pois é por meio da língua oral e escrita que as pessoas se comunicam defendem pontos de vista, produz e constrói conhecimentos, partilha visões de mundo.

Ao transcrever o depoimento de uma das entrevistadas foi priorizada a fala de Dona Maria de Lourdes, por ser uma das que convive e conviveu com diversas gerações.

O idoso é detentor do saber, de experiências que devem ser transmitidas para as novas gerações e ouvidos com atenção pelos mais jovens. A memória destas pessoas é um bem valioso que deve ser preservado pela sociedade e por cada indivíduo. (Debret, 1999: 149).

No depoimento de Dona Maria de Lourdes, 67 anos, mãe de treze filhos, também aparece a idéia de que o idoso possui experiências que estão até hoje guardadas na sua memória:

“Tinha um fio com a parteira in casa, não era com médico, que não tinha médico, depois os remédios era inxarope de foia de quintal, losna, hortelão miúdo, peijo, alevante, transage, arruda, cebola branca, mel açúcar, cachaça para fazer inxarope, aí agora voltava ia tomar. Ali disse

que fazia limpeza era com aquele remédio não era como hoje que é coletagem.”

Pode-se perceber aí que a idéia do resgate da memória humana constituem a perpetuação do estar humano sobre a terra, e no entanto deve ser lembrada para que a nova geração possa adquirir conhecimentos que muitas vezes estão esquecidos.

Um fato interessante relatado pela entrevistada retrata o uso das plantas medicinais

“(...) naquele tempo era essas foia que fazia inxarope pra gripe, fazia e faz até hoje que você quera o inxarope de angico, pau ferro, raiz de jurubeba, raiz de fedegoso, raiz de melancia da praia, essa foia de maracujá maduro, foia de jurubeba (...) as mãe da gente fazia, curava agente inriba da cama sem precisar de médico, só com foia do mato, medicina só de mato (...)”.

Podemos perceber aí a importância das plantas medicinais, onde eram usadas freqüentemente por pessoas daquela época, no combate de algumas doenças, no entanto as mesmas conheciam e utilizavam de forma bastante segura e confiante na cura dos problemas apresentados.

A importância das plantas medicinais aparece com freqüência na fala dos entrevistados e algumas partes transcritas do depoimento da entrevistada Maria de

Lurdes abordadas nesta monografia torna-se evidente o quanto a utilização de plantas medicinais é imprescindível para esta comunidade.

“As culturas humanas são transmitidas de uma para outra geração através de um processo educativo designado de endoculturação ou socialização (...) O processo de endoculturação, na medida em que se vale também da linguagem falada, permite que o imaturo possa beneficiar-se das experiências dos maduros sem que tenha a necessidade de revivê-los por conta própria. Com isto cria-se um processo cumulativo de enriquecimento de estratégias e soluções culturais de uma para outra geração, designado de dinâmica cultural “ (Viertler, 1988: 8 - 9).

Observa-se que este movimento de endoculturação e dinâmica cultural abordado por (Viertler 1988) está presente na fala abaixo transcrita:

“(...) Aprendi com a minha mãe e meu povo mais veio, que ensinava aquele povo mais veio, as parteira mesmo chegava e ensinava pra gente, dizia faça isto pegue foia faça, cozinhe faça o chá e tome, faça o inxarope e tome (...) foi como eu aprendi, foi assim. Sempre eu ensino, eu ensinei as minha fia a fazer e hoje elas faz também. Elas faz quando as fia tem criança, já sabe elas faz o inxarope e dá para tomar dene casa qui é bom”.

Observa-se que estas vivências passadas torna-se ao mesmo tempo presente e futuro dentro de uma seqüência de ensinamentos transmitidos para outros membros familiares e demais pessoas da comunidade.

“(...) Hoje as granfineza ta mais que naquele tempo, hoje não quere dá mais valor as pranta do mato, só quere dá valor só os antibiótico e as pranta do moto serve muito e tem mais validade(...)”.

Nota-se que neste depoimento, a depoente tem uma certa preocupação em vê que a utilização de plantas medicinais pelos mais jovens é de certa forma restrita e reforça assim os valores tradicionais que estas plantas possuem.

Percebe-se em sua fala que por mais que a ciência esteja sempre em avanço, o etnoconhecimento deve fazer parte do existir humano.

Dona Maria de Lurdes, mãe, avó, bisavó é uma historiadora que transmite ensinamentos fortalecendo e perpetuando o conhecimento popular, crenças e costumes vividos fazendo historias, não escreve livros mas luta para manter vivo estes etnoconhecimentos.

De acordo com Zaché (2001, p. 102-103) a beleza que existe nas matas do Brasil vem chamando a atenção de um número cada vez maior de pessoas por todo o mundo. No entanto, atualmente outra questão também apresenta-se de forma relevante, o poder curativo das plantas medicinais utilizadas a partir de receitas feitas por pessoas comuns estão sendo comprovadas cientificamente.

É relevante lembrar que as plantas medicinais têm uma grande importância a qual se torna maior por ser o Brasil um dos países que apresenta a maior variabilidade genética vegetal disponível e pouco conhecida e que necessita de um estudo científico que garanta um conhecimento maior e a eficácia dessas plantas (Brasil 1996). Vários profissionais passaram a ter interesse em pesquisar plantas medicinais o que contribuiu para um crescente avanço neste campo de pesquisa. Os estudos realizados fizeram com que fossem descobertos vários aspectos importantes em relação a essas plantas. Mas para que o resultado destas descobertas seja cada vez maior e eficiente, é preciso que haja uma inter-relação tanto entre os vários profissionais da área, quanto entre as disciplinas que estudam as plantas medicinais. Desta forma, o resultado dos estudos será amplo e completo pois haverá um campo maior de informação a respeito do objeto de estudo, permitindo também o desenvolvimento de novas pesquisas (Di Stasi, 1996).

São vários os elementos que envolvem as investigações científicas com plantas; um deles é o caráter inter e multidisciplinar, que pode representar além de problemas e obstáculos um certo cuidado, mais permite um fator muito importante aos pesquisadores, a obtenção de um conhecimento mais amplo e rico, pouco oferecido quando se trabalha com linhas específicas de pesquisa. O outro que inclui um forte componente social e cultural especialmente em país mais pobre encontra nas plantas medicinais uma oportunidade muito importante de resolver problemas de saúde, através da fabricação, comercialização e utilização de fitoterápicos padronizados (Di Stasi, 1996).

7. CONCLUSÃO

As plantas medicinais são utilizadas com grande frequência pela maioria da população local. A partir dos resultados analisados, foi possível perceber a importância e os valores que estas plantas possuem e que são bastante úteis no consumo diário entre as famílias desta comunidade.

No entanto, com os dados obtidos no momento é possível situar-se que:

- a) As pessoas idosas apresentam-se de maneira histórica ao conhecimento de algumas plantas que foram citadas nas entrevistas e que a história oral é responsável pela mobilidade da transmissão das subjetividades construídas pela própria cultura;
- b) Existe um processo de socialização. Onde as pessoas mais velhas transmitem conhecimentos pré-existentes, sobre o assunto que está sendo abordado trocando experiências com as pessoas mais jovens;
- c) A linguagem e a fala do idoso aproximam-se do universo cultural dos indivíduos;
- d) O conhecimento popular quanto ao uso de plantas medicinais é respeitado tanto pelo fato de ser antigo quanto pelas observações positivas de seu uso;

Pode-se observar-se também que as plantas medicinais são utilizadas em grandes quantidades pelas pessoas entrevistadas, em vários casos, substituindo as drogas alopáticas. Ficando registrado, portanto, o poder de cura encontrado nas

subsidiando assim além do resgate a essa prática cotidiana o entrelaçamento desses dois conhecimentos .

Além de possuir uma função social a pesquisa integra o trinômio cultura – comunidade – escola.

Os resultados obtidos nesta pesquisa deixam explícito a importância da utilização de plantas medicinais e proporciona subsídios para posteriores pesquisas neste campo, a exemplos da área de Farmacologia, Botânica, dentre outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. Filosofia da ciência. Introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1988. 199 .p
- ANAIS DA 1ª SEMANA DE FARMNÁCIA FITOTERAPICOS, 4 a 8 de outubro de 1999/Organização: Juan Ayala-Osuna; Denice Vitória de Brito; Maria Edezina Aquiar; Maria de Nazareth Viana. Feira de Santana: UEFS/Depto. de Saúde/Col. do Curso de Ci. Farmacêuticas. 2000 184 .p.: il.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, MARTINS, Maria Helena Pires, Filosofando: Introdução a filosofia. 2ª ed. São Paulo: moderna, 1993. 395 p.
- BOCH, FURTADO e TEXEIRA. Psicologias; Uma introdução ao Estudo de Psicologia. São Paulo: Saraiva, 1999. p 16-21.
- BONHAUSEN, R. L. As Ervas do Sítio. 1ª edição, São Paulo. Editora BEI Comunicação, 1998. Extraído do site www.ervadositio.com.br.
- BRASIL, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária/Atlas do meio ambiente do Brasil. 2ª edição – Brasília: EMBRAPA, SP: Terra Viva, 1996, 160p.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetro Curriculares Nacionais de 1ª a 4ª série: meio ambiente e saúde, Brasília, 1997, 128.p
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais, de 1ª a 4ª série Pluralidade Cultural, Brasília: MEC/SEF, 1997. 164 p
- CAMARGO, Maria Thereza L. de Arruda. Plantas Medicinais e de rituais afrobrasileiras II: estudo etnofarmacobotânico. São Paulo: Icone, 1999. 232 .p

- CARVALHO, Maria Cecília Maringone de. Construindo Saber: Metodologia – fundamentos e técnicas: Campinas S.P. Papirus 11ª ed. 1989 . 16 .p
- CHIZZOTTI, Antonio Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1998. – (biblioteca da educação, serie 1. Escola; v. 16). 144 p.
- CORRÊA, Anderson Domingues, BATISTA, Rodrigo Siqueira, QUINTAS, Luis Eduardo M. plantas medicinais do cultivo à terapêutica. Petrópolis. Rio de janeiro: vozes, 1998. 246 .p
- D'AMBROSIO, Ubiratan, Etnomatemática: Arte ou técnica de explicar e conhecer. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1998. 88 p.
- DEBRET, Guita Grin. A reinvenção da velhice: socialização e processo de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP/PAPESP, 1999. 266 p.
- DI STASI, Luis Claudio. Plantas Medicinais: arte e ciência – Um guia de estudo interdisciplinar/Di Stasi (org.) Ed. UNESP, São Paulo 1996, 230p.
- FREIRE, Paulo Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3ª ed. São Paulo: morais, 1980. 102 .p
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia; Saberes necessários à pratica educativa. 13ª ed. São Paulo: paz e terra, 1996. 165 .p
- GLOBO REPÓRTER, Rede Globo de Televisão, 24/08/2001
- GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal e cultura política: impactos sobre associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 1999. 119 .p
- HARRY, L. Shapiro. Homem cultura e sociedade: 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

- KAUFMAN, Miriam & SERAFINI, Cláudia. A Horta: um sistema ecológico In: Didática das ciências naturais, contribuições e reflexões. Hilda Weissmann (org.) Ed. Artmed cap. 06, Porto Alegre 1998, P: 153-174.
- MANCHETE RURAL, nº 101 Bloch, 1995 65 .p
- MORIN Edgar. A cultura –2 capítulo – in: O enigma do homem para uma nova antropologia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. 227.p (biblioteca de ciências sociais)
- OLIVEIRA, Elza Rizzo. O que é medicina popular. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1984. 91. p
- PANIZZA, Sylvio. Plantas que curam: Cheiro de mato: São Paulo: Ibrasa, 1997. 249p.
- PELTO, Pertti J. iniciação ao estudo da antropologia. 7ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1984, 144 .p
- RÊGO, Terezinha de Jesus Almeida S. Fitogeografia das plantas medicinais do Maranhão. 2ª ed. São Luís: EDUFMA, 1995
- REVISTA BRASILEIRA DE PLANTAS MEDICINAIS, Botucatu, v 3, nº1 P. 51 – 60, 2000.
- SANTOS, José Luis dos. O que é cultura. Coleção primeiros passos. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense 1984. 89 .p
- SANTOS, Valdeci dos, SANTOS, Selma dos & SANTOS, Livia Daniela dos. Plantas medicinais e a orientação etnoterapeutica de indivíduos da terceira idade: uma

contribuição na relação ensino – aprendizagem/cultura/doença: 1999, 17 .p
(dig.).

VIERTLER, Renale Brigitte. Ecologia Cultural: uma antropologia da mudança. São Paulo: Ática, 1988. 61 .p

ZACHÊ, Juliane: ao natural. Revista Istoé. 1653 – 6/6/2001. Editora Três, 102 – 108.

ZENTGRAF, Maria Christina. S. R. Curso de Pós graduação docência do ensino superior. 2ª ed. 2001. 114 .p

ANEXOS





Algodão



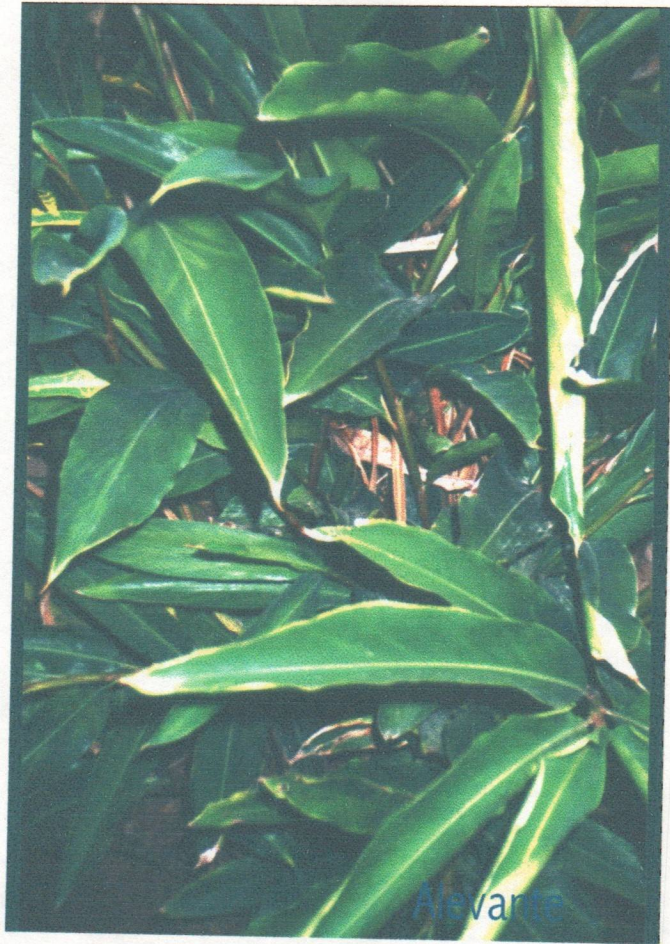
Tanchagem



Alecrim do campo



Hortelã graúdo



Alevante



Erva cidreira



Babosa



Hortelã miúdo



Arruda



Quioiô